

ORAÇÕES E CÂNTICOS: Música e Poesia para purificar o espírito

Prayers and chants: music and poetry to the spiritual purification

Deborah Vogelsanger Guimarães^()*

Resumo: As orações *Amatsu Norito* e *Zenguen Sandji* são usadas pela Sekai Kyusei-Kyo, uma nova religião japonesa fundada no Japão na década de 1930 por Mokichi Okada. A partir da comparação entre os sentidos destas orações para japoneses (entendidos como o conjunto dos japoneses tradicionais não-cristãos) e ocidentais (no conjunto dos cristãos) fez-se uma abordagem hermenêutica de seu contexto na perspectiva da religião como dimensão da vida espiritual humana. No que diz respeito à saúde, Okada cria o conceito de Johrei como ato purificador tanto do corpo como do espírito.

Palavras-chave: Sekai Kyusei-Kyo, Mokichi Okada, Johrei, filosofia da religião

Abstract: The *Amatsu Norito* and *Zenguen Sandji* prayers are used by Sekai Kyusei-Kyo, a new Japanese religion founded in Japan in the 1930s by Mokichi Okada. Starting from the comparison between the meanings of these prayers for the Japanese (understood as the group of non-Christian traditional Japanese people) and Western people (in the group of Christians) a hermeneutic approach of their context was made from the perspective of religion as a dimension of human spiritual life. Regarding the matter of health, Okada creates the concept of Johrei as a purifying act for both the body and the spirit, in a way that - silently - the purifying force of these prayers act precisely and beyond the liturgical moment.

Keywords: Sekai Kyusei-Kyo, Mokichi Okada, Johrei, Philosophy of Religion

1 INTRODUÇÃO

A poesia, a música e muitas vezes a dança são parte importante do ritual religioso e se mostraram, ao longo do tempo, maneiras interessantes de manter viva e ativa a fé e a religião. Essa relação é um aspecto cultural que abrange todas as dimensões sociais e nos toca proximamente, como demonstra um artigo de divulgação da Deutsche Welle de 2013 ao publicar o sentimento que une a cantora Gianna Nannini à música: "Para mim, cantar é como um mantra que cura. Cantar me deixa como que em transe, me faz feliz e transforma minha consciência. E é essa sensação que eu quero levar pelo mundo afora. Mas não sou religiosa". Música e religião estão intimamente ligadas como afirma (RIBEIRO VEIGA JUNIOR, 2013, p.477): Ambas, música e

^(*) Mestre em Filosofia pela UNICAMP/SP. Presidente da Associação Brasileira de Filosofia da Religião – ABRFR. Membro da Sociedade Paul Tillich do Brasil. Membro da equipe editorial da Revista Relicário. Sua produção se localiza nos limites entre Filosofia, Teologia (cristã) e Psicanálise.

e-mail: deborah.vogel.guima@gmail.com

religião são universais da cultura; por extensão, se dá a mesma coisa com o canto, como se expressa Nannini à DW. A expressão vocal da música, o canto, muitas vezes nos parece mais inclusiva na medida que cantar depende apenas de nossa condição vocal e um pouco de ousadia, desejo ou fé. O canto é acessível a todos, e por ser expresso em palavras acabam por nos tocar mais intimamente exatamente por dar voz a nosso sentimento e no caso de canto religioso, dar voz a nossa fé. É sobre isso esse artigo, sobre orações que se tornam exemplos de como música e poesia se unem para manter vivo o espírito da palavra que anima e reaviva a fé.

As orações *Amatsu Norito* e *Zengen Sanji* são orações da Sekai Kyusei-Kyo¹, uma nova religião japonesa fundada na década de 30 por Mokiti Okada². Estes poemas, diferentemente de outros que compunha para os sarais de Hai-kai³, foram escritos por ele como orações para cultos e celebrações ou simplesmente para serem ‘meditados’ pelos fiéis enquanto lidos ou repetidos. As orações em questão, *Amatsu Norito* e *Zengen Sanji* são, neste contexto, duas orações especiais por possuírem grande força espiritual, por carregarem consigo a sonoridade própria à sua finalidade: a purificação espiritual do local em que é entoada, da pessoa que a entoa e da intenção desta pessoa para com a ação que se segue à oração. Escrita ‘por um Deus’ a oração *Amatsu Norito* se torna a expressão lendária e mítica da fé, enquanto a *Zengen Sanji*, escrita por Mokiti Okada representaria a manifestação atual desta mesma mítica como remanescente da cultura tradicional japonesa.

Mokiti Okada, que assume posteriormente o nome religioso Meishu-Sama ou o ‘senhor da luz’, se torna religioso quando ingressa para a Oomoto-Kyo na década de 20. Como a Oomoto-kyo, muitas outras religiões apareceram no final do século 19 e início do século 20 no Japão, e também como ela, muitas vieram do xintoísmo e dele trazendo rituais, cantos e orações. Ao deixar a Oomoto-Kyo, Mokiti Okada funda a Sekai Kyusei

¹ Segundo Tomita (2016), no Brasil está representada pela IMMB – Igreja Messiânica Mundial no Brasil, muitas vezes identificada pelo Johrei (uma de suas atividades principais) ou pela produção de orgânicos em larga escala (produtos presentes no mercado consumidor interno através da marca Korin).

² Mokichi Okada (1882-1955) foi um intelectual japonês autodidata, artista plástico e comerciante japonês convertido à religião Oomoto Kyo e posteriormente fundador da Sekai Kyusei Kyo no início do século 20. Para mais informações, sugiro o acesso a <http://www.messianica.org.br/> ou <http://www.izunome.jp/en/izunome/>.

³ Forma poética japonesa caracterizada pela concisão e simplicidade em forma e composição. Para saber mais sobre Haikai, boas referências podem ser encontradas em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000200007; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Haiku>; <http://letrasorientais.fflch.usp.br/japones/270>; <http://alunosonline.uol.com.br/portugues/haikai.html>;

Kyo e, também ele, dela carrega ritos, cantos e orações que enriquece com poemas e outras orações de sua autoria, sempre inspiradas no xintoísmo tradicional.

Independentemente da função litúrgica, ambas as orações carregam consigo a sonoridade própria à sua finalidade: a purificação espiritual do local em que é entoada, da pessoa que a entoa e da intenção esta pessoa para com a ação que se segue à oração.

2 AS ORAÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS:

Amatsu Norito e Zengen Sanji

A oração *Amatsu Norito* faz parte das orações de purificação tradicionais do xintoísmo, tem data muito antiga, e vem sendo transmitida como documento histórico desde o início da Era Heidan (794 d.c.), ou como diz Mokichi Okada: "remonta a uma época anterior à de Jinmu, o primeiro imperador do Japão. Foi escrita por um deus da linhagem de Amaterasu-Oomikami, adorado pelo clã Yamato" e que em japonês se escreve assim, em uma de suas versões, como oração litúrgica da Sekai Kyusei-Kyo^{4,5}:

あまつのりと⁶

たかあまはらにかむづまります かむろぎかむろみのみこともちて
 すめみおやかむいぎなぎのみことつくしのひむかのたちはなの
 おどのあはぎはらにみそぎはらひたまふときになりませる
 はらひどのおほかみたち もろもろのまがごとつみけがれを
 はらひたまえきよめたまへとまをすことのよしを
 あまつかみくにつかみやほろよづのかみたちともに
 あめのふちこまのみみふりたてて
 きこしめせとかしこみかしこみもまをす
 みろくおほみかみまもりたまえさきはえたまえ
 をしえみおやぬしのかみまもりたまえさきはえたまえ
 かむながらたまちはえませ

Amatsu Norito

Taka Ama Hara ni Kami tsu mari masu
 Kamurigui Kamuromi no Mikoto motite
 Sume mi oya kamu Izanagui no Mikoto
 Tsukushi no himuka no tatihana no
 Odo no awagui harani misogui

⁴ A versão atualmente em uso mostra algumas alterações feitas posteriormente onde se troca 'Kami tsu mari' por 'Kanzu mari'.

⁵ Preferi deixar tanto a oração *Amatsu Norito* quanto a oração *Zengen Sanji* em hiragana e romanji, para discussões futuras, no mesmo bloco.

⁶ Agradeço ao prof. Me. Amadeus Valdrigue, teólogo messiânico e ministro da IMM (Igreja Mundial do Messias) em São Paulo.

Harai tamou toki ni nari maseru
 Haraido no Ookami tati moromoro no
 Magagoto tsumi kegare o
 Harai tamae Kiyome tamae
 to moosu kotonu yoshi o
 Amatsu kami Kunitsu kami
 Yaoyorozu no kami tati tomo ni
 Ame no futikoma no
 Mimi furi tatete kikoshi meseto
 kashikomi kashikomi momoosu
 Miroku Oomikami
 mamoritamae sakihae tamae
 Miroku Oomikami
 mamoritamae sakihae tamae

Meishu no Oomikami
 mamoritamae sakihae tamae
 Meishu no Oomikami
 mamoritamae sakihae tamae

Kannagara tamatihae mase
 Kannagara tamatihae mase (FMO, 1987, p.11)

O significado geral da oração e a explicação de cada trecho, apresentadas pelas diferentes facções do xintoísmo e pelos literatos clássicos, são muito divergentes havendo uma versão longa, mais tradicional, e outras mais curtas para ocasiões específicas. Quando traduzida há ainda outras discrepâncias ditadas pela necessidade de inserção da religião na cultura em que se expande, mostrando assim que não apenas há variações internas culturalmente determinadas como também variações externas com a mesma motivação. Uma variante é o resultado da procura por adaptar a oração ao seu tempo no mesmo espaço geográfico, tentando dar conta de modificações culturais historicamente determinadas, outra variante é o resultado por adaptação da religião em solo estrangeiro, marcadamente ocidental e cristão. A oração Amatsu Norito traduzida para a língua portuguesa ficaria assim:

Oh! Divindades reunidas na planície mais alta do Céu, começando por Kamurogui e Kamuromi. Invocamos-vos, juntamente com o Deus Izanagui, o Grande Pai de todos os nossos ancestrais. Pedimos a vós, os senhores deuses da purificação, que, no momento sagrado desta cerimônia, compareçais na colina de Tsukushi no himuka, para lavar e afugentar nossas impurezas. Purificai-nos de pecados e máculas. Eliminaí a causa de todos os nossos sofrimentos. Deus Altíssimo! Mais uma vez, recorreremos a Vós e também aos milhares de divindades do Céu e da Terra. Imploramos que, no centro do Céu, todos Vós juntos ouçais a nossa humilde e reverente súplica: Protegei-nos, benevolente Miroku Oomikami! Indulgente, mostrai-nos o reto caminho. Protegei-nos, benevolente Meishu no Oomikami! Indulgente, mostrai-nos o reto caminho. Cheios de gratidão, esperamos que tudo seja feito de acordo com a vontade do Supremo Deus.

E quando traduzida para um público não cristão fica desta forma (FMO, 1987):

Ó deuses da purificação, criados por ordem do pai e da mãe que habitam o Céu, justamente quando o Deus Izanagui no Mikoto se banhou na foz estreita de um rio coberto por árvores permanentemente frondosas, na região Sul. Com todo o respeito e do fundo do coração pedimos que nos ouçam, tal como o equino que ouve atento, com ouvidos aguçados e, juntamente com os demais deuses do Céu e da Terra, purifiquem todas as maldades, desgraças e pecados.

Miroku Oomikami, Abençoi-nos e protegei-nos
Meishu Sama, Abençoi-nos e protegei-nos
Para expansão da nossa alma
Seja feita a Vossa vontade (FMO, 1987, p.17)

Esta é a forma como ela é entendida entre os membros da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. A alteração se justifica pelo modo de pensar japonês: se, para sobreviver como uma religião não-étnica no Brasil for necessário mudar seu sentido, optando então por palavras e expressões mais afinadas com a tradição cultural-religiosa cristã (“criados por ordem do pai [e da mãe] que habitam o Céu; para expansão da nossa alma, Seja feita a Vossa vontade”), isso é possível sem grande alteração de significado porque a tradição dela enquanto símbolo se mantém enquanto ela for a oração principal na liturgia e for entoada em japonês e com todas as palavras originais. O que fica também com o passar do tempo e as transposições culturais? A força das palavras se manifesta então pela entonação, ou seja, como expressão de purificação espiritual real e atual. Essa expressão pode até ser prejudicada pela falta de algumas palavras ou pela substituição de uma palavra por outra, mas essas substituições são sempre próximas e se procura manter a musicalidade da entoação dela. Se, para sobreviver como uma religião não-étnica no ocidente for necessário mudar seu sentido, optando então por palavras e expressões mais afinadas com a tradição cultural-religiosa cristã (criados por ordem do pai [e da mãe] que habitam o Céu; Para expansão da nossa alma, Seja feita a Vossa vontade), fazemos porque a tradição se mantenha ao mantê-la como oração principal entoada em japonês e com todas as palavras originais. Claro que essa artimanha não passará despercebido a um exegeta ou a um hermeneuta, mas essa é outra história e não compromete os objetivos institucionais ou o entendimento do membro comum da IMMB ou da Sekai Kyusei Kyo, nem mesmo de um seguidor comum de Okada.

Isso é possível também por uma particularidade da língua e da mitologia japonesa que Mokichi Okada expressa em uma de suas palestras, a partir da ideia de kototama que, de modo simples, pode ser entendida como a força criadora das palavras

através da qual Deus⁷ criou o Universo, ou de modo mais geral Kototama 言霊 ou espírito da palavra é o que expressa a crença no fato de que as palavras possuem espírito e influenciam a sorte humana. Quando o homem fala, também cria o seu mundo do jeito que ele quer: ora um mundo de alegria, ora um mundo de tristeza; do bem ou mal, do certo ou errado. Tudo depende do Kototama que emitir. Assim, a ideia não é apenas ligada ao conceito que a palavra carrega, não é apenas racional, é sonoro, é sensorial, é a força da palavra dita com a entonação com a qual foi dita. Como diz Okada em um de seus ensaios,

As orações *Amatsu Norito* e *Zengen Sanji* têm um efeito maravilhoso sobre as doenças e outros sofrimentos. Esse efeito tão admirável, deve-se ao enorme poder do Kototama (espírito das palavras). No mundo espiritual ressoa o grande Kototama - o Kototama das 75 vozes. Essas vozes silenciosas enchem o mundo espiritual, mas não são perceptíveis ao ouvido humano. No entanto, quando o grande Kototama é pronunciado pelo homem, exerce uma enorme influência espiritual. O bom Kototama diminui as máculas no mundo espiritual. O mau Kototama, ao contrário, as aumenta. Dependendo da ordem da colocação das 75 vozes do Kototama, ter-se-á o bom espírito da palavra ou o mau espírito da palavra.

Diferentemente da oração *Amatsu Norito*, a *Zengen Sanji* foi escrita pelo próprio Okada em 23 de dezembro de 1934, e entoada na mesma data quando da cerimônia de fundação da sua Igreja (naquela época ainda não denominada Sekay Kyusei Kyo), de forma prévia, em sua residência em Tóquio, após a *Amatsu Norito*. Como essa ocasião era também de comemoração do aniversário de Okada ela foi entoada novamente oito dias depois na cerimônia oficial da fundação da igreja, em 1 de janeiro de 1935, passando a ser uma oração específica desta igreja. Entre a primeira e a segunda guerras mundiais, as novas religiões são censuradas em favor da religião oficial do país e em 1938, chegou-se ao ponto de se ver proibidas as atividades das novas religiões. Nesse período, a *Zengen Sanji* não foi entoada por ser a marca de uma religião específica, voltando à prática religiosa após o término da guerra, em 1945, e assegurada a liberdade de crença no país.

うやうやしくおもんみるに

せそんかんぜおんぼさつこのどにあもらせたまひ
こうみょうによらいとげんじ
おうしんみろくとかし
ぐせのみかみとならせたまひて

⁷ Sobre a influência do monoteísmo cristão para as Novas Religiões Japonesas ver: Kamstra J H (1994) Japanese monotheism and New Religions. In: Clarke, P B, Somers, J (ed) Japanese new religions in the West. Japan Library/Curzon Press, Kent, pp 104-117

だいせんさんぜんせかいのさんどくをめっし
 ごじょくをきよめひやくせんまんおくいっさいしゅじょうのだいねん
 がん

こうみょうじょうらくえいごうの
 じゅっぽうせかいをならしめて
 ごふうじゅうのくるいなく
 ふくかぜえだもならずなき
 みろくのみよをうみたもふ
 むりょうむへのだいじひに
 てんまらせつまつろひて
 しょあくじゃほうはあらたまり
 やしゃりゅうじんもげだつなし
 しょぜんぶっしんことごとく
 そのころざしをとぐるなり
 さんせんそうもくことごとく
 みかみのいとくになびかひて
 きんじゅうちゅうぎよのすえまでも
 みなそのところをえざるなし
 まさにこれしびじっそうせかいにて
 かりょうびんがはそらにまひ
 ずいうんてんにたなびけば
 ばんかふくいくちにくんじ
 しんでんぎよくろうそそりたち
 ぐせのみやかたかすみつつ
 こがねのいらかさんさんと
 ひにてりえいずこうけいは
 げにもてんごくらくどなり
 ごくみのりてくらにみち
 すなとりゆたかにあめがした
 いきとしいけるもろもろのえらぎにぎはふ
 こえごえはつつうらうらにみちわたり
 くとくにとのさかいなく
 ひとぐさたちのにくしみや
 いさかいごともゆめときへいってんしかいおしなべて
 みろくのみてにきいつされ
 じんじのみむねにいだかれん
 われらがひびのせぎょうにも
 みょうちをたまひしんかくを
 えせしめいえはとみさかえ
 よわいはながくむいやくに
 ぜんとくこうをかさねさせ
 ふくじゅかいむりょうのだいくどく
 たれさせたまへましませと
 ねんねんじゅうしんげざとんしゅ
 きふくらはいはいねぎまおす

みろくおおみかみまもりたまへさきはえたまへ
 おしえみおやぬしのかみまもりたまへさきはえたまへ

かむながらたまちはえませ

Zengen Sanji⁸

Uyauyashiku omonmiruni.
 Sesson Kanzeon Bossatsu
 konodoni amorasse tamai
 Komyo Nyorai to guenji
 Ooshin Miroku to kashi
 Meshia to narasse
 Daisen sanzen sekai no sandoku o me'shi gojoku o kiyome.
 Hyakusen man oku i'sai
 shujo no dai nengan.
 Komyo joraku eigono
 ju'po sekaio narashimete.
 Gofu jyuuno kuruinaku
 fukukaze edamo narassu naki.
 Miroku no myoo umitamoo.
 Muryo muhen no daidihini, tenmarasetsumo matsuroite.
 Shoaku jahouwa aratamari,
 Yasha ryudinmo guedatsu nashi.
 Shozen bushin kotogotoku
 sono kokorozashio toguru nari
 Sansen somoku kotogotoku
 Sesson no itokuni nabikaite
 Kinjutyugyo no suemademo
 mina sono tokoroo ezarunashi
 massani kore shibi jisso sekainite.
 Karyobingawa sorani mai
 zuiunteni tanabikeba.
 Banka fukuikutini kunji
 tahoo bu'to sossori tati.
 Hitidoo garanwa kassumi tsutsu koganeno iraka sansanto
 hini terieizu koukeiwa,
 guenimo tengoku jodo nari.
 Gokoku minorite kurani miti
 sunadori yutakani amegashita,
 iketoshi ikeru moromoro no
 eragui niguiwau koegoewa
 tsutsu uraurani mitiwatari.
 Kunito kunitono sakainaku
 hito gussa tatino nikushimiya.
 Isakaigoto mo yumeto kie
 í'tenshikai Kannonno
 jinjino mimuneni idakaren.
 Wareraga hibino segyounimo
 myotio tamai shinkakuo
 essashime iewa tomissakae.
 Yowaiwa nagaku muiyakuni
 zentoku koo kassane sasse
 fukujukai muryono daikudoku.
 Taressasse tamae mashimasse to
 nennen jushin guezatonshu
 kifuku raihai negui moossu.

⁸ Como está publicado no site da Meishuana, há alterações feitas a partir da morte de Okada em 1955, como podemos ver no *Livro de orações, salmos e hinos* da IMMB, referenciado neste artigo.

Miroku Oomikami
mamoritamae sakihae tamae
Miroku Oomikami
mamoritamae sakihae tamae

Meishu no Oomikami
mamoritamae sakihae tamae
Meishu no Oomikami
mamoritamae sakihae tamae

Kannagara tamatihae mase
Kannagara tamatihae mase (FMO, 1987, p.12-13)

Apesar de contar com referências tradicionais em sua redação, principalmente mitológicas, agora há o aparecimento de elementos budistas que demonstram a justaposição budismo-xintoísmo comum à cultura japonesa há mais de mil e duzentos anos, mas permanece o kototama: a entonação correta feita no conjunto da postura do corpo e do controle da respiração de, mais uma vez, transmitir a força purificadora do universo, na concepção de Okada: O bom Kototama faz a alma vibrar. Conseqüentemente, aumenta a luz da alma e diminui as nuvens da mente, enfraquecendo o espírito secundário. Em consequência desse enfraquecimento, o homem passa a não gostar do mal. E, assim, através da oração *Zengen Sanji*, o espírito secundário, que atormentava o homem, debilita-se ou se afasta. A oração também reduz as nuvens da mente e livra o homem dos sofrimentos. Para Okada ainda, naturalmente, o espírito das palavras da oração *Zengen Sanji* é extremamente bom e belo. O *Zengen Sanji*, quando rezamos, purifica enormemente a atmosfera espiritual do ambiente em que nos encontramos. Mas há um ponto especialmente importante: o Kototama depende muito da pureza do espírito do homem que o pronuncia. Quanto mais pura for a alma das pessoas, mais poderosa será a força do Kototama, porque o seu nível espiritual é superior. Os adeptos devem, portanto, polir continuamente as suas almas e aperfeiçoar o Kototama para se tornarem possuidores de almas elevadas.

Novamente, em publicações variadas no tempo e no espaço, não temos alteração na oração original, mas uma diferença de traduções dependendo do público. Se um membro comum pergunta pela tradução obtém como resposta a oração assim traduzida:

Deus, Senhor e Criador do Universo! Luz que ilumina o mundo”
Recebei o nosso mais profundo louvor,
Pela Vossa augusta presença através dos tempos,
Na revelação do Vosso imensurável Amor.
Senhor da Salvação que, cumprindo excelsa vontade de a tudo e a todos salvar, Os três males [...] e as cinco impurezas [...] purifica e elimina do Universo!!

Estabelece na Terra o Paraíso, ordenado e perfeito em luz e gozo: De cinco em cinco dias ventar; De dez em dez chover, Na harmonia de toda a Natureza!
 Ante o vosso santo e infinito amor, todo o negativo desaparece, tal como a névoa ao calor do sol!
 Alcançam os mestres e justos
 Seu ideal de bem!
 Campos, montanhas, matas e rios,
 São dóceis a Vossa glória!
 Aves, animais, insetos e peixes, Tudo tem seu próprio lugar!
 É a era da Luz! Aves celestiais revoam! Há, no céu, alvissareira nuvem!
 Fragrância de flores cobre a terra e Santuários, solares do Templo da Salvação
 Como que pairando no Céu, resplandece o dourado teto na fulgurância do sol!
 Farta colheita enche o celeiro. Rica é a pesca; Em todos os recantos, vozes alegres e contentes, tudo é vida.
 Os países, sem fronteiras!
 As criaturas, sem ódios!
 Entre os homens, os conflitos
 Se esvaecem como num sonho.
 Seja no Céu ou na Terra, Ó Deus, tudo que existe Retorna as Vossas mãos envoltas em manto de amor!
 Ao nosso viver cotidiano Concedei Verdade e Saber Que a família prospere sempre, com saúde e longevidade, dignai-vos fazer transbordar A virtude somada ao Bem.
 A infinita graça da felicidade Humildemente rogamos,
 E fervorosos, sinceros, Vos adoramos!
 Miroku Oomikami , abençoai-nos e protegei-nos (bis)
 Oshie-Mi-Oya-Nushi-No-Kami, abençoai-nos e protegei-nos (bis)
 Que em graça se expanda nossa alma. (FMO, 1987, pp.18-20.)

Enquanto um japonês ou conhecedor da língua japonesa obteria aproximadamente a seguinte tradução⁹:

Meditemos com reverência no Senhor Bodissatwa Kannon que, ao descer do céu à terra em Komyo Nyorai, transformou-se a seguir em Ooshin Miroku e posteriormente em Messias. Salvar a todos os seres vivos é o Seu sublime anseio expurgando dos três mundos os três venenos e as cinco impurezas, para que a luz e o júbilo eterno para sempre se instalem em todos os cantos do mundo. No reino de Miroku gerado por Kannon a desordem não existe.
 Venta a cada cinco dias, chove a cada dez e a brisa é tão suave que nem os galhos farfalham.
 Com Sua grandiosa, infinita e ilimitada misericórdia, que até aos demônios celestes e aos diabos induz a Lhe prestarem obediência, Ele extingue os vários males e anula as leis malignas, libertando igualmente os Yashas e os Dragões.
 Todos os santos homens, os Budas e os Devas podem, assim, cumprir as suas missões.
 Os rios e montanhas, as plantas e as árvores recebem copiosas graças de Kannon.
 As aves, os animais, os insetos e os peixes podem viver plenamente a sua vida, cada qual ocupando o seu exato lugar. E o mundo assume, então, o seu verdadeiro aspecto.
 Por entre as nuvens de bom presságio a estender-se pelo firmamento voa a ave do paraíso sobre a terra perfumada na qual milhares de flores exalam a sua fragrância.
 Ladeada de grandes templos obnubilados pela distância destaca-se a torre sagrada com seus muitos tesouros, em cujos telhados de ouro refulgem os raios do sol. Tal é a paisagem do reino dos céus no solo purificado. Fartas colheitas de cereais abarrotam os

⁹ Prece de louvor a Deus (Livro de orações do Templo Luz do Oriente, p. 22-27) Este título é para uso interno da Luz do Oriente, não há referencias para publicação externa, portanto para indexação também.

armazéns, a pesca é abundante e as vozes de todos os seres vivos elevam-se animadas para o céu.

Desapareceram, como por encanto, as divisas entre os países, os ódios e motivos de disputa entre as raças humanas e a humanidade é abraçada pelo misericordioso peito de Kannon. O verdadeiro despertar da sabedoria divina é praticado em nosso trabalho cotidiano.

A família prospera acumulando atos virtuosos e tem a sua vida prolongada sem remédios ou medicamentos.

Concentrado, de todo o coração, de cabeça baixa e corpo curvado, peço humildemente que tais bênçãos chovam do céu, formando um mar de ilimitada bem-aventurança.

Assim seja.

A tradução anterior permite que a oração seja ‘rezada’ digamos assim, que seja dita da forma como os cristãos fazem suas orações, a tradução acima dá a postura e o significado impresso pelas palavras que compõem o poema. De um modo ou de outro, uma vez que composta em japonês e sempre ‘cantada’ nesta língua a religiosidade preconizada por Okada se faz, se difunde e permanece a partir da matriz cultural tradicional japonesa.

São claros os elementos cristãos e budistas no poema que compõe a oração *Zengen Sanji*, afinal ela é composta em um momento de ocidentalização do Japão e se mantém, como marca da Sekay Kyusei Kyo, no período de americanização (pós 1945), mesmo assim e não apenas pelo uso da língua, mas principalmente pela musicalidade com que se entoa a oração, ela permanece tipicamente japonesa.

No Brasil a Sekay Kyusei Kyo chega em 1955 e se chama Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Durante muito tempo, após as orações *Amatsu Norito* e *Zengen Sanji*, rezou-se o Pai Nosso, hoje, em alguns lugares do país ainda se reza o pai nosso, porém a *Zengen Sanji* não se entoa mais cotidianamente.

Pensar sobre a transformação que estas orações sofrem ao se disseminarem no Brasil a partir da IMMB e suas dissidentes é pensar sobre o processo de apropriação dessa religião japonesa pelos membros brasileiros (ANJOS, 2016), por um lado e, por outro lado pensar sobre o modo de expansão desta religião no ocidente (TOMITA, 2016).

Como foi possível saber pelo estudo da *Amatsu Norito* feito anteriormente, já em sua origem ela é usada de acordo com a ocasião e o momento histórico, denunciando um traço característico da cultura japonesa que pode ser entendido como flexibilidade em determinado grau ou como adaptativa – ao menos em um sentido pontual, a saber, na necessidade de fazer-se entender por uma cultura estranha a ela.

A característica cultural foi notada já em tempos dos missionários cristãos no Japão e bem descrita por dois estudiosos contemporâneos sobre o assunto: Jesus Gonzales Valles (VALLES, 2002) e Hitoshi Oshima (OSHIMA, 1991):

Nas palavras de Valles:

A história da filosofia japonesa oferece um panorama exuberante porque, apesar de sua insularidade, o Japão sempre foi uma nação que buscou novidades para enriquecer seu patrimônio cultural nativo. Primeiro recorreu à China, depois à Europa e à América, e hoje não toma conhecimento de fronteiras quando se trata de absorver dados culturais e movimentos ideológicos de outros povos.

Nesse processo de acolhida de elementos culturais estrangeiros, estabelecido desde seus primeiros passos como povo civilizado até os progressos alcançados em nossos dias, o Japão tem mantido seus próprios critérios de seleção e tem sabido imprimir nos dados importados uma marca própria, típica de sua identidade nacional. Por isso, no momento de aceitar elementos estrangeiros, somente acolheu de bom grado o que de alguma maneira conciliava com suas necessidades e aspirações. Ou melhor, nenhum país nunca impôs à força ao Japão padrões culturais estranhos sem que tenha sido ele mesmo que tenha adotado de outras culturas aquilo que mais lhe convinha. E quando, como hóspedes não convidados, chegaram à sua costa elementos culturais não solicitados, seu estabelecimento no país foi efêmero e problemático. [...] Isso é uma realidade em todos os âmbitos da cultura e do pensamento, ao cabo do que, é o que um povo possui de mais profundo, pois constitui a pedra angular em que se apoia o conjunto do patrimônio cultural, desde a literatura e as artes até as formas de vida, os comportamentos éticos, a atividade política, a vida industrial etc. (VALLES, 2002, p.23)

E nas de Oshima:

O sincretismo japonês - justaposição do budismo e do xintoísmo - é um exemplo típico da maneira de incorporar as religiões e os pensamentos estrangeiros na estrutura da mentalidade mítica japonesa. O processo de incorporação apresenta três facetas: 1) o enfrentamento: o budismo ante a mentalidade mítica; 2) o conflito ou contradição: o budismo contra o xintoísmo; 3) a incorporação: fazer do budismo e do xintoísmo dois termos de oposição dentro do mesmo sistema. (OSHIMA, 199, p. 52).

O movimento descrito por Oshima é um dos fatores que mantém a tradição cultural japonesa ao mesmo tempo em que a atualiza e a comunica com o mundo das outras culturas, especialmente a ocidental, e isso fica claro com o estudo das orações, seus usos e suas traduções para o ocidente.

Digno de nota também é o sentido que o termo religião tem no Japão. Como entendemos no ocidente, o termo religião e seu conseqüente conceito não faz sentido no Japão como pode-se entender a partir da leitura de (JOSEPHSON, 2012), (HORI, 1994), (HOSHINO, 2012) e (KITAGAWA, 1990). De modo simples, a história da religião no Japão é marcada por um longo processo de influências e de tradições religiosas. Em contraste com a Europa, onde o Cristianismo suplantou as tradições pagãs locais, a religião tradicional local, o Xintoísmo, continuou como parte da vida das

peças desde os tempos mais antigos até a organização do Estado nos tempos modernos. Quando o Budismo foi introduzido no Japão no século VI, as crenças Xintoístas e Budistas começaram a interagir e com o passar do tempo passaram a fazer parte conjuntamente do cotidiano religioso japonês. É essa duplicidade justaposta à característica definidora da religião japonesa, mesmo atualmente quando grande parte da população - e em especial os jovens japoneses, se declaram sem religião ou não reconhecem o termo. Apesar de não se reconhecerem como religiosos, aderem tradicionalmente aos rituais e práticas budistas e xintoístas enquanto os movimentos de renovação como o das ‘novas religiões japonesas’ aproximaram-se do cristianismo protestante ou do xintoísmo e budismo.

Aqui voltamos à questão inicial da música e da poesia que purificam o espírito. Em forma de oração, música e poesia se tornam o símbolo religioso da dimensão do sagrado que habita o cotidiano real de cada um, religioso ou não, na medida que são expressões da dimensão mais profunda da realidade existencial e cultural. Uma linguagem própria para a expressão do sagrado, mas não só; ela expressa também a existência não sagrada da cultura como um todo.

É neste sentido também que Mokichi Okada entende a linguagem, embora não se expresse da mesma forma. Como representante de sua cultura, Okada acredita que as palavras possuem espírito, tem força, como entendemos no ocidente, e que expressar-se corretamente (fonética e gramaticalmente, além da escolha correta de palavras) não apenas conduz o pensamento e a ação corretamente como também orienta o espírito positivamente. Assim, não apenas a cultura dá forma à religião – ou a uma religiosidade como manifestação da dimensão transcendente que acaba por ser entendida como espiritual – quando a comunica, como a religião se dá como substrato possível e fértil para a cultura. Neste caso uma cultura não apenas religiosa, uma cultura espiritualizada. Isso é feito por Okada na tentativa não de superar a dicotomia aparente entre cultura e religião – o que para Okada não existe, mas como maneira de superar a ambiguidade que a religião tem para nós e que começava a influenciar a cultura japonesa de modo importante a partir da retomada do contato com o ocidente, em especial no final do século 19 e início do século 20.

Comum à cultura japonesa, a ideia de ‘espírito da palavra’ ou Kototama 言霊 expressa a crença no fato de que as palavras possuem espírito e influenciam a sorte humana. Enquanto o espírito das palavras malignas produz o mal, o espírito das palavras benignas constitui virtude. Portanto, o homem deve se esforçar para usar o

espírito das palavras benignas e assim tornar-se virtuoso e afortunado. Será assim que Kototama será usado por Okada em seus escritos religiosos como bem exemplifica o ensinamento *A respeito do espírito da palavra*.

O texto *A Respeito do Espírito da Palavra*¹⁰ (言霊について¹¹) é de um livro de Okada recebido como seu ensinamento religioso e originalmente não publicado, constando apenas o ano de sua elaboração (1950). Ele aparecerá publicado posteriormente na coletânea *As Obras Completas de Mokiti Okada – Escritos*. Volume 8, páginas 733-734 (Okada Mokiti Zenshu TyojutsuHen Dai Hachi Kan), editada pela Sekai Kyusei Kyo.

Nesse ensinamento, Okada escreve:

Na Bíblia está escrito: “No princípio era o Verbo. Todas as coisas foram feitas por ele”. Isso se refere à ação do espírito da palavra. Começarei explicando o significado fundamental dessa expressão. A palavra, naturalmente, é constituída e emitida pela ação da voz, da língua, dos lábios e do maxilar inferior, mas a origem dessa emissão, não resta dúvida, é o pensamento¹², que se manifesta em forma de palavras. O pensamento é a manifestação da vontade. Suponhamos que surja no homem alguma vontade. Para manifestá-la através de palavras, o pensamento entra em ação. Naturalmente, na ação do pensamento ocorre o discernimento do correto e do incorreto, do bem e do mal, do

¹⁰ Agradeço ao teólogo messiânico Murilo Barbante pela tradução detalhada deste ensinamento e pelos momentos inestimáveis de discussão sobre o tema.

¹¹ Em hiragana para quem deseja estudar mais o assunto:

彼の『聖書』に「太初に言葉あり、万物これによって作らる」ということがあるが、これは言霊の活動をいったものである。それについて言霊の根本義からかいてみるが、言霊は勿論人間の音声と舌、唇、顎の活動によって構成発射するものであるが、それを発する根本は言葉によって表現せんとする想念であることはいままでの間もない。想念は意欲の表われである。解りやすくいえば人間が何等かの意欲が起るその意欲を言葉に表わすべく想念が活動する。勿論想念の活動には正邪善悪、成不成等の判断力も活動する。これを総合したのが智慧である。それ等を具体化したものが言霊であって、言霊を具体化したものが行動である。この理によって、想念、言霊、行為の三段階と思えば間違いはない。

右の如くであるとして想念は幽玄界に属し言霊は言霊界に属し、行為は現象界に属するのである。言わば、言霊は幽と物との中間である。念と行との媒介者といってもいい。これによってみても言霊なるものは如何に重要性があるか判るのである。

言霊は傀儡師と同様、鬼を出すも仏を出すも自由自在である。人を怒らすも笑わすも、心配させることも安心させることも悲しませることも喜ばせることも、波瀾を起させるも、和を造ることも失敗するのも成功するのも言霊次第である。斯様な重要な言霊を軽々しく使用するの、危険この上なしというべきである。

しかしながら、言霊のみを如何に巧妙に操ったところで、単なる技術でしかない。落語、漫才、講釈師と同様である。どうしても言霊はその根本に偉力を発揮せしむべき力がなくては、何の意義をなさない。しかも力といっても、それに善悪の区別がある。即ち悪の言霊は罪を構成し、善の言霊は、徳を構成する以上、人間は善の言霊を使うべく努力すべきである。善の言霊とは、勿論誠が根本であり、誠は神からであるから、どうしても神を認めなければならない。とすれば、信仰者でなければ、真の誠は発揮出来ないから、言霊と雖も善的力が現われるはずがないのである。

¹² A opção feita pelo termo ‘pensamento’ no lugar de ‘sonen’ é de entendimento fundamental para o estudo da religião messiânica que não vem ao caso neste momento e está sendo objeto de estudo no doutorado em andamento.

sucesso e do insucesso, etc. O conjunto disso é a inteligência, e sua manifestação é o espírito da palavra; a materialização do espírito da palavra é a ação. Baseados nesse princípio, não estaremos equivocados se dissermos que existem três níveis: pensamento, espírito da palavra e ação. Assim, o pensamento está ligado ao Mundo Espiritual; o espírito da palavra, ao Mundo do Espírito da Palavra; a ação, ao Mundo Material. Isto é, o espírito da palavra fica entre o oculto e o manifesto. Pode-se dizer que ele é mediador entre o pensamento e a ação. Através disso, poderão compreender quão importante é o seu papel. O espírito da palavra é semelhante a uma marionete: a manifestação da alma ou do espírito fica à sua mercê. Irritar as pessoas ou fazê-las rir, preocupá-las ou tranquilizá-las, entristecê-las ou alegrá-las, provocar conflitos ou paz, obter sucesso ou insucesso, tudo depende do espírito da palavra. Usá-lo de forma leviana é muito perigoso. Por outro lado, apenas manejar habilmente o espírito da palavra, não passaria de uma simples técnica. A pessoa se assemelharia a um humorista, comediante ou comentarista. Se na base do espírito da palavra não houver força para a manifestação de um grande poder, não há qualquer sentido. Mas, tratando-se de força, existe a benigna e a maligna. Ou seja, o espírito das palavras malignas constitui pecado, e o espírito das palavras benignas constitui virtude. Assim, o homem deve se esforçar para usar o espírito das palavras benignas. Nestas, evidentemente, o fundamental é o “makoto”, que se origina de Deus. Portanto, não há outro recurso senão reconhecer a existência de Deus. Se a pessoa não for religiosa, não conseguirá manifestar o verdadeiro makoto, e por isso não se manifestará a força benigna no espírito da palavra. (FMO, 2007, p.53)

Citação tão longa se justifica por esse escrito de Okada mostrar elementos que o habilitariam ser uma versão religiosa e japonesa – portanto culturalmente marcada – onde fica clara a tentativa de justaposição conceitual entre ocidente e Japão como evidência do movimento de assimilação cultural descrito por Oshima. É possível perceber também a tentativa de formalizar, a partir do símbolo ‘Deus’, a espiritualidade religiosa expressamente como dimensão de profundidade da realidade como uma necessidade.

3 PARA FINALIZAR

A partir do estudo das orações *Amatsu Norito* e *Zengen Sanji*, foi possível perceber que alterações importantes em seus significados foram feitas a partir das traduções brasileiras delas. Notou-se que mesmo o significado delas em língua japonesa sofreu pequenas alterações (atualizações, reduções e recomposições) ditadas pela necessidade de uso daquela ou desta oração em dado momento histórico em âmbitos tanto nacionais quanto institucionais. Vale lembrar que a *Amatsu Norito* é oração original do xintoísmo e assim permanece atualmente.

Estes exemplos mostram muito, especialmente pelo caráter simbólico da língua japonesa. Quando traduzido para o português ou qualquer outra língua ocidental, muitos sentidos se perdem ou se torcem, ficam algo próximo do sentido original, mas perdem

significado; essa é uma perda importante, outra perda importante é aquela expressa pela imediatidade da imagem – o símbolo que carrega o conceito em seu desenho.

O que restaria então, a nós ocidentais, deste kotomama das palavras se nossas palavras carregam conceitos que nem sempre são de entendimento imediato?

Nestas orações, e no mais em toda a língua japonesa, não apenas a sonoridade como também o gestual conta como significante. Cada expressão carrega um conjunto significativo que amplia cada símbolo particular e o conjunto mesmo; a língua compõe o poema que, junto à musicalidade e a postura da sua entoação abre de fato ‘níveis da realidade’ e ‘níveis da alma e de nossa realidade interior’. Uma profundidade para a plena comunicação com Deus.

É a permanência deste símbolo que carregará a profundidade do espírito humano em seu contato com Deus? Sim e não. No caso específico da Sekai Kyusei Kyo, tanto no Brasil como no Japão, o ritual litúrgico (ANJOS, 2012) se modificou bastante e, salvo linhas gerais, não é o mesmo em toda a unidade religiosa. Há distinções entre Johrei Centers, centros de aprimoramento e Solos Sagrados; entre ocasiões de culto (celebrações) e entre cidades onde se localizam essas unidades no caso das unidades religiosas no Japão. Entretanto a entoação destas orações-cânticos permanece em todos os locais, principalmente a *Amatsu Norito* como símbolo cultural e religioso que pretende ser usado para ultrapassar as diferenças culturais e atingir a profundidade do espírito humano em sua totalidade senão por suas palavras significativas, pelo poder de sua musicalidade, pela força de sua entoação.¹³

O que permanece então, ao mesmo tempo que muda e altera todo o entorno, é a experiência estética da oração-cântico. A experiência estética estaria assim, no centro e no fundo da manifestação cultural como forma da religião. Seria a experiência preferencial para se chegar a essa profundidade e ser, assim, purificadora.

Por ser uma experiência estética, o sentir a oração-cântico é fundamental para seu efeito purificador e como ela é sentida também. Um exemplo disso é a declaração desta experiência estético-religiosa, até mesmo mística, de uma japonesa que afirma que

¹³ A força da entoação destas orações pode ser experimentada acessando os links:

https://www.youtube.com/watch?v=NCevffK_HNQ e

<https://www.youtube.com/watch?v=SOesCWoKJzU> e

<https://www.youtube.com/watch?v=ut8jZoXu8BQ> para a Amatsu Norito e

https://www.youtube.com/watch?v=romL5FCkEoI&list=PLjJvqM3NZUgC_MageTo-50v2uoISVrrCe para a Zengen Sanji. Atenção, pois, no vídeo a recitação é repetida por mais de 50 minutos.

cantando a oração *Zengen Sanji* ela atinge sua própria essência de maneira plena, então¹⁴:

Na verdade, é uma oração, mas no meu chamado espiritual tenho que cantar como mantra. É o que faço aqui. Esse foi quando comecei a compreender sobre a linguagem emocional. É escrito em japonês e como sou descendente de japoneses, meu chamado foi em japonês. Minha linha é da fortunate an owl Kannon, ou seja, da Corujinha que é a linha da Fênix de Fogo superior. Agora a canção mudou. Depois vou colocar outro aqui. Minha linha asiática é do templo de Nandira que significa Viajantes do tempo do templo do Sol. Meu sobrenome Imanaka significa que estou dentro de mim mesma, que sou minha própria mestra. Razão por que dizem que sou uma pitonisa e uma barda, lá na espiritualidade.

A experiência relatada acima é bem próxima àquela expressa por Gianna Nannini à Deutsch Welle, exceto pela componente musical não vocal existente no canto de Nannini e na intenção não sacra de seu conto. Ela não canta para exercitar seu espírito ou alcançar uma dimensão divina; esses alcances são consequência de seu canto. Para nós, herdeiros de tradições culturais já dissociadas das práticas religiosas e desejosos deste distanciamento comum da religião pelo bem da razão faz mais sentido a expressão de Nannini que a da moça japonesa e sua crença em si como parte da divindade.

Penso que um bom referencial teórico para que possamos entender o sentido religioso-cultural destas orações xintoístas e suas adaptações para uso em uma Nova Religião Japonesa que pretende se expandir além das fronteiras japonesas (e por isso busca adaptações mais ‘a ocidente’) seja Paul Tillich.¹⁵

Podemos partir da *Teologia da Cultura*¹⁶, quando afirma que a religião “se dá conta que já possui seu lugar próprio em todos os lugares, principalmente nas profundezas das funções da vida espiritual humana. A religião é a dimensão de profundidade em todas elas.” (TILLICH, 2009, p. 44).

Mas surge uma pergunta: como se situa a religião no sentido restrito e mais comum da palavra, seja na sua forma institucional ou na piedade pessoal? (...) A resposta é simples: por causa da trágica alienação da vida espiritual em face de seu fundamento e profundidade. (...) Não haverá domínio secular nem religioso. A religião será

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=7Mdqb7Q3WxY> atenção para as observações que seguem o vídeo.

¹⁵ Paul Tillich (1886-1965) foi teólogo e filósofo da religião de grande expressão no século 20 cuja influência se faz cada dia mais presente para quem estuda teologia e filosofia da religião na atualidade. Ver <http://www.paultillich.com.br/> ou <http://www.napts.org/> ou ainda <http://www.seminariodosul.com.br/posescrito/pdf/revista05/Torres,%20cleber.pdf>

¹⁶ Não abordarei aqui e agora as questões de profundidade e as atualizações concernentes a conceitos tillichianos presentes no texto da *Teologia da Cultura* por total inadequação ao contexto deste artigo. Registre-se, entretanto, que cabe este aprofundamento e atualização dos conceitos apresentados por Paul Tillich neste livro.

novamente o que ela sempre foi essencialmente: a determinação fundamental e a substância da vida espiritual. (...) A religião revela a profundidade da vida espiritual, encoberta, em geral, pela poeira de nossa vida cotidiana e pelo barulho de nosso trabalho secular. (TILLICH, 2009, p. 45)

Neste trecho Paul Tillich resume muito bem, em poucas palavras o sentido purificador destas orações ao dizer que “a religião revela a profundidade da vida espiritual, encoberta, em geral, pela poeira de nossa vida cotidiana. Dá-nos a experiência do sagrado, intangível, tremendamente inspirador, significado total e fonte de coragem suprema” (TILLICH, 2009, p. 45). Foi bem isso que este estudo hermenêutico mostrou, mesmo que como aproximação inicial, não exegética, e até certo ponto superficial da estrutura linguística e o do sentido teológico destas orações; a vivacidade e força da oração se mantém pela dimensão de profundidade dada à cultura a partir da comunicação religiosa implícita nela.

Na mesma *Teologia da Cultura*, Tillich intenciona demonstrar a dimensão religiosa presente em diversas esferas da atividade cultural humana e para isso afirma ser “a religião um dos aspectos do espírito humano e não uma função especial dele” (TILLICH, 2009, p.42). Como aspecto do espírito humano a religião ultrapassa a condição de simples sentimento que a mantém na esfera das funções humanas transformando a realidade. A religião é, assim, a dimensão de profundidade de todas as funções da vida espiritual humana, é mesmo “o aspecto dessa profundidade na totalidade do espírito humano” (TILLICH, 2009, p.44).

Quando dizemos que a religião é um dos aspectos do espírito humano, queremos dizer que quando olhamos o espírito humano a partir de certo ponto de vista, ele se apresenta a nós religiosos. (...) A religião não é mera função especial de nossa vida, mas a dimensão de profundidade presente em todas as funções. (...) Assim, a religião saiu em busca de outro lugar para a vida espiritual humana, e sentiu-se atraída pela função cognitiva. (...) Mas a relação não durou muito. O conhecimento puro, fortalecido pelo tremendo sucesso das conquistas científicas, logo se voltou contra a religião e se declarou independente dela. (...) voltou-se para a dimensão estética. Por que não tentar se situar nos domínios da criatividade artística? (...) Mas nesse momento a religião hesitou. Não será que a arte expressa a realidade enquanto a religião a transforma? (...) Nesta situação, sem lugar próprio, sem ter onde habitar, de repente a religião percebe que não precisa de nada disso. (...) A religião é a dimensão de profundidade em todas elas. É o aspecto dessa profundidade na totalidade do espírito humano. (...) Quer dizer que o aspecto religioso volta-se para os elementos supremos, infinitos e incondicionados da vida espiritual. (...) se manifesta em todas as funções criativas do espírito [...]. (TILLICH, 2009, pp.42-44)

Compreendemos então que, sendo assim, de fato “a religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião” (TILLICH, 2009, p. 83) e explico: uma vez que o ‘elemento secular tende a se tornar independente e a se estabelecer por si mesmo’

naturalmente, sendo que ‘o mesmo se dá com a religião’, ‘nossa vida é determinada pela alienação em face de nosso verdadeiro ser’; quando ‘a religião é considerada como preocupação suprema’ ela é a ‘substancia que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião’ aparece como bem clara a relação entre religião e cultura que leva à conclusão afirmativa feita por Tillich, qual seja, aquela que afirma a religião como a substância da cultura e a cultura como a forma da religião, evitando-se o dualismo entre elas. Pode-se perceber algumas mudanças nestes conceitos em outros escritos tillichianos, mas a concepção teórica permanece basicamente a mesma.

Em (TILLICH, 2009, p.88), Tillich encaminha a solução do dualismo entre religião e cultura para a linguagem quando diz ser a cultura a forma da religião ‘especialmente óbvio na linguagem que ela usa’, uma vez que a ‘linguagem expressa a liberdade humana a partir de situações dadas e de suas exigências concretas’. Como isso se dá? É pergunta pertinente para a qual ele responde explicando a natureza da linguagem religiosa. Ao considerar que ‘os símbolos religiosos funcionam exatamente como os outros [símbolos]’ ao se deter na natureza religiosa dos símbolos (TILLICH, 2009, pp. 102-103), Tillich entende que os símbolos abrem determinado nível da realidade que não seria aberto de outra maneira, ao qual chama (como fez nas páginas anteriores) de ‘dimensão profunda da realidade, fundamento de todas as demais dimensões e de todas as outras profundidades’. Como a dimensão da realidade suprema é, para ele, a dimensão do sagrado, pode-se afirmar que ‘os símbolos religiosos são os símbolos do sagrado’.

Do que estudamos até aqui, as orações *Amatsu Norito* e *Zenguen Sandji* são mais do que orações que purificam o espírito, que aproximam quem as entoa de sua dimensão espiritual mais profunda, são também uma forma simbólica de comunicação religiosa que mantém vivo o espírito para além das estruturas religiosas, inundando o mundo da cultura cotidiana.

REFERÊNCIAS

LIVRO DE ORAÇÕES, SALMOS E HINOS DA IMMB. SP: Editora FMO, 1987.

ANJOS, Emilson Soares. *A passagem: o rito da morte na Igreja Messiânica do Brasil*. SP: Fonte Editorial, 2016.

ANJOS, Emilson Soares. *Modificações litúrgicas como expressão do processo de transplantação: as divergências e convergências no ritual de funeral da Igreja Messiânica*

Mundial no Brasil e no Japão. Dissertação de mestrado. SP: PUCSP. Sapiëntia, 2012.
Disponível em: <http://www.sapiëntia.pucsp.br/tde_arquivos/7/TDE-2012-04-17T10:32:45Z-12232/Publico/Emilson%20Soares%20dos%20Anjos.pdf> acesso em 14 de março de 2016 .

CORDS, Suzanne e VALENTE, Augusto. *Parentesco entre música e religião é extremamente próximo*. IN: Deutsche Welle (DW) – Cultura de 10/08/2013. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/parentesco-entre-m%C3%BAsica-e-religi%C3%A3o-%C3%A9-extremamente-pr%C3%B3ximo/a-17007624> Acesso em 29 de setembro de 2011

HORI, Ichirō. *Folk Religion in Japan: Continuity and Change*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1994.

HOSHINO, Seiji. *Kindai nihon no shukyo gainen: Shukyosha no kotoba to kindai* (O conceito de religião no Japão moderno). Tokyo:Yushisha Press, 2012.

JOSEPHESON, Jason Ananda. *The invention of religion in Japan*. Chicago and London:University of Chicago Press, 2012

KITAGAWA, Joseph Mitsuo. *Religion in Japanese History*. New York: Columbia University Press, 1990.

MEISHU-SAMA. *Alicerce do Paraíso*. Tradução da IMMB. SP: Fundação Mokiti Okada, 2007. 5a. edição revista.Vol.4.

OSHIMA, Hitoshi. *O pensamento japonês*. Tradução de Lenis G. de Almeida. SP: Escuta, 1991.

RIBEIRO VEIGA JUNIOR, Manuel Vicente. *Religião e música: variações em busca de um tema*. IN: CADERNOS CRH, Salvador, Vol. 26, número 69, pp.477-492, set. – dez. 2013.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. Tradução de Jaci Maraschin com apresentação do Dr. Jorge Pinheiro. SP: Fonte Editorial, 2009.

TOMITA, Andréa Gomes Santiago *Religiões japonesas e a Igreja Messiânica Mundial no Brasil – Integração religiosa e cultural*. SP: Editora FMO, 2016. 2ª. Edição.

VALLES, Jesus Gonzalez Valles. *Historia de la filosofia japonesa*. Madrid: Tecnos, 2002.

(Recebido em março de 2022; aceito em maio de 2022)